

---

**NOTAS SOBRE A PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

Notes on graduate studies in letters

Pablo Simpson<sup>1</sup>

**RESUMO:** Esta apresentação tem como interesse debater aspectos da pós-graduação em Letras no Brasil a partir da perspectiva das avaliações, que se tornaram um dos núcleos importantes de reflexão sobre a área. Considera, assim, a noção de “cultura da performatividade” e aspectos da assimetria entre produção científica e recepção.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pós-graduação em Letras, Cultura da performatividade, Assimetria, Recepção.

**ABSTRACT:** This presentation aims to discuss aspects of Brazilian graduate studies in Letters from the perspective of its evaluations, which have become one of the important areas of investigation. It considers, therefore, the notion of “culture of performativity” and aspects of the asymmetry between scientific production and reception.

**KEYWORDS:** Graduate studies in Literature, Culture of performativity, Asymmetry, Reception.

Gostaria de agradecer, em primeiro lugar, ao Prof. Benedito Antunes, pelo convite para vir participar desta mesa-redonda em companhia do Prof. Brunno Vieira da Unesp de Araraquara no âmbito do XVI Seminário de Estudos Literários do PPG-Letras da Unesp de Assis. Faz pouco mais de um ano que nós três, na condição de Coordenadores dos Programas de Pós-Graduação em Letras da Unesp, vimos nos reunindo de forma regular em fóruns de debate sobre a pós-graduação promovidos pela PROPG e a Capes, e acredito que esta mesa é um modo de prolongar algumas dessas conversas.

Confesso, de antemão, que esse lugar de tentativa de “reflexão” sobre a pós-graduação me parece difícil. Não me lembro de ter assistido, no tempo em que eu fui aluno do curso de Letras da Unicamp, a mesas-redondas que debatesses a pós-graduação, nem os rumos da pesquisa em Letras/Literatura. Do mesmo modo, não lembro quando soube, pela primeira vez, da nota de meu Programa ou do Qualis/periódicos das revistas publicadas no Instituto de Estudos da Linguagem — Qualis que foi instituído, como se sabe, em 1998.

---

<sup>1</sup> Doutor em Teoria Literária pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com pós-doutorado pela Université Paris III, e docente da Universidade Estadual Paulista (UNESP).

Há dias, além disso, a Unesp de São José do Rio Preto, onde sou professor, sediou o encontro do Grupo de Estudos Linguísticos (GEL). Por alguma alienação de minha parte, o GEL foi um dos poucos grandes congressos que presenciei durante os anos em que fui aluno de graduação e pós-graduação na Unicamp. Posteriormente, participei do Cole, que chegou em 2018 à sua 21ª edição. Com o Gel, foi uma surpresa descobrir que havia congressos de 500 a 1000 pesquisadores. Para dizer que, para além do desconhecimento da nota do Programa e da qualificação das revistas, concluí o doutorado sem uma participação regular em congressos. E, sobretudo, sem considerar esse lugar propriamente institucional da pós-graduação. Pelo menos não estive exposto a esse processo, como se não fosse da minha alçada, como estudante, aderir a ele ou compreendê-lo.

É claro que o debate sobre o ensino de literatura, o lugar social da literatura, a circulação de textos literários, as perspectivas críticas antigas e novas — a crítica sociológica, a historiografia literária, o *new criticism* etc. — foi constantemente realizado. E se estendeu à constituição das áreas, departamentos, linhas de pesquisa. Discutíamos cânones literários e críticos, pensando no que valia e não valia a pena ler. No âmbito da vida institucional da pós-graduação, no entanto, sempre considerei que vários componentes eram dados. Com relação aos prazos, por exemplo, que é algo que talvez mude consideravelmente nos próximos tempos, e que foi um elemento fundamental de algumas avaliações da Capes nos últimos anos, eu imaginava que eles, por assim dizer, nos preexistiam: o mestrado é 2 anos, o doutorado é 4, e ponto. E que, apesar disso, era possível prolongá-los sem grande sofrimento. Defendi o doutorado em 5 anos sem a sensação de estar no limite ou prejudicar o meu programa. Num dos relatórios passados do Supicira, que é a plataforma de avaliação da Capes, como vocês sabem, constatei, no entanto, certo orgulho do PPG-Letras da Unesp de ter obtido um tempo médio de defesas de doutorado inferior a 48 meses. Recentemente, também descobri no regimento geral da pós-graduação da Unesp que o aluno não precisa mais de mestrado para ingressar no doutorado, o que é um indicativo de que talvez o mestrado deixe de ser prioritário, como já afirmam alguns representantes da Capes. Na função de coordenador, em virtude dessas restrições de prazo, devo ter recebido num único ano, num universo de 100 alunos, mais de 15 pedidos de suspensão de matrícula, a maioria por razões psicológicas ou médicas.

Outra coisa que me parecia um dado era a ideia de que os resultados da pesquisa de mestrado ou de doutorado seriam publicados quando a pesquisa terminasse, ou não seriam publicados. E que não haveria problema em não publicá-los, uma vez que há o depósito público das teses e dissertações nas bibliotecas de cada instituição. Fiz o meu doutorado entendendo que o processo de elaboração da pesquisa tinha uma dimensão

formadora que precedia a publicidade da pesquisa. Organizei, assim, o meu estudo sobre o poeta francês Yves Bonnefoy em função das exigências da pesquisa, e não na perspectiva de publicação de artigos. Yves Bonnefoy, por exemplo, manifestou em sua poesia um diálogo importante com a poética de Baudelaire e me pareceu necessário lastrear esse diálogo num capítulo comparado, percorrendo temas e noções comuns. Bonnefoy publicou bem mais de dez estudos sobre Baudelaire, com diferentes abordagens: a paisagem, a multidão, a morte, o sacrifício, o diálogo com as *pinturas negras* do Goya. O capítulo ficou, assim, com 50 páginas, e como ele estava subsumido a algumas questões teóricas gerais, era quase impossível fracioná-lo para publicação.

Hoje, eu diria, que se dependesse de mim, o PPG-Letras da Unesp de Rio Preto talvez tivesse nota 3, porque todas as últimas discussões na Capes vêm no sentido de que um dos lugares pretendidos para a próxima avaliação será a produção discente, o que envolve publicação de artigos e participação em congressos. E dessa nota baixa, como vocês sabem — mas não só dela, há outros fatores menos evidentes —, depende a alocação de recursos e as bolsas de mestrado e doutorado dos programas. São poucos recursos, porém um número considerável de bolsas. Temos no PPG-Letras de São José do Rio Preto, atualmente, 37 bolsas que atendem a um terço dos alunos, e que deve dar uns 700 mil reais por ano.

O que me parece interessante em tudo isso é que há um debate cada vez mais aberto com relação às políticas da pós-graduação, e isso envolve também a política de recursos. Descobri nestes últimos tempos, por exemplo, que há uma divisão histórica de verbas entre os programas. Há programas que podem ter cinco vezes a dotação orçamentária de um equivalente na Unesp, com um número proporcional de bolsas. Começo por aí porque entendo que é esse um dos centros do debate, embora atinja a área de humanas em menores proporções. Dependemos, nós da Letras, muito menos de verba para manutenção de laboratórios e equipamentos, compra de insumos etc. Custeamos, basicamente, deslocamentos de professores e alunos para bancas e congressos, isso se desconsiderarmos que estamos migrando para bancas a distância ou por pareceres circunstanciados, e promovendo congressos, em grande parte, autofinanciados. O que está em jogo nas avaliações da pós-graduação tem a ver, no entanto, com essa distribuição de recursos ou com o prestígio que notas altas possam eventualmente ter junto a programas de internacionalização e captação de recursos de fundos de pesquisa.

Essa distribuição tem a ver com um debate central da pós-graduação, que é a sua dupla vocação: ela está dividida entre a formação de recursos humanos e a pesquisa. Em áreas muito técnicas, parece-me que é a pesquisa que vem à frente com as suas solicitações de recurso, e atribuindo, portanto,

ao aluno uma função num grupo ou laboratório. No caso brasileiro, essa ênfase é tanto maior pelo fato de ser a universidade, em suas pós-graduações, um dos lugares principais da pesquisa científica<sup>2</sup>. Mesmo numa área como a Educação, a atividade de pesquisa se tornou o eixo principal. O documento de Área deles, de 2009, afirma que “a ideia de linha de pesquisa está disseminada e praticamente todos os programas organizam suas atividades curriculares em torno da pesquisa”<sup>3</sup>. Esse deslocamento do eixo, como no nosso caso, transfere a ênfase do trabalho de formação para os “resultados obtidos”.

O documento da área de Letras e Linguística da Capes, elaborado em diálogo com os Programas de Pós-Graduação em Letras e Linguística e publicado em 2016, mostra o quanto essa perspectiva está também aí. Nesse documento as palavras “produção” e “produto” aparecem 42 vezes e “formação”, 28. Há, por exemplo, um tópico específico sobre a qualidade das dissertações de mestrado e teses de doutorado. O tópico explica como essa qualidade será julgada na avaliação que fará a CAPES de cada um dos programas. Cito o trecho:

A qualidade das teses e dissertações será avaliada em função da produção de doutorados, mestrados e egressos. Considera-se que as teses e dissertações devam gerar: a) artigos em periódicos, b) capítulos de livros, c) livros de autoria individual, d) organização de livros, e) tradução de artigos, f) resenhas, g) trabalhos completos em Anais, h) prêmios.

Observem a voz passiva da primeira frase. O texto poderia ter afirmado “avaliaremos a qualidade das teses”. Prefere o “será avaliada”. O primeiro efeito é esse: o de desaparecimento do sujeito. Mas não é só esse. Surge a locução “em função”. Não se trata aqui do uso causal, que muitos gramáticos condenam: “eu caí em função de uma dor de cabeça”. A locução “em função” reforça o vínculo da avaliação com a qualidade das teses e dissertações, porém desloca o seu objeto. Não é a qualidade que será avaliada, mas os artigos, capítulos etc., enquanto produtos. Eles serão avaliados porque é isso que as teses e dissertações “devem gerar”. Chamo atenção para o sentido do “dever”. Finalmente, no fragmento, observo a hierarquia: artigos vêm na frente de capítulos, capítulos, na frente de livros, resenhas na frente de prêmios.

---

<sup>2</sup> Cf. “Dispendios em P&D no Estado de São Paulo”. In: Pesquisa Fapesp, n.275, 2019, p.11.

<sup>3</sup> Sigo algumas observações que estão no artigo “A cultura da performatividade e da avaliação da pós-graduação no Brasil”, Antônio Flávio Moreira (2009), que cita o documento da área de Educação.

Essa hierarquia dá a pensar. Uma primeira justificativa é que, nas revistas, a avaliação é por pares e supostamente às cegas, o que garantiria uma espécie de idoneidade. Isso não explica, contudo, o fato de a categoria “prêmios” vir ao final. Na lista, parece-me estranho também que não haja “tradução de livros”, como uma das atividades “produtivas”, sabendo que nas Letras estão, como no meu Programa, as Letras Clássicas. Sabendo, igualmente, que até Machado de Assis foi tradutor e que a tradução em si é um lugar fundamental de circulação e reflexão sobre a literatura. Alguns de nossos poetas mais importantes são ou foram tradutores: Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade. Alguns têm a tradução quase como primeira atividade, como é o caso de Paulo Henriques Britto.

De todo modo, o fragmento do documento chama a atenção para a importância da produção. Essa produção constitui o que Stephen Ball afirmaria ser uma “cultura da performatividade”. Para ele:

A performatividade é alcançada mediante a construção e publicação de informações e de indicadores, além de outras realizações e materiais institucionais de caráter promocional, como mecanismos para estimular, julgar e comparar profissionais em termos de resultados. (BALL, 2005)

Não me detenho nessa noção de performatividade, mas acredito que ela tem algumas consequências para a nossa área de Letras. A principal delas é que no último quadriênio produzimos com a Linguística — e baseio-me aqui na informação do último coordenador de Área — 8000 livros, o que talvez seja consideravelmente mais do que se conheça da Antiguidade Latina<sup>4</sup>. Há um inflacionamento da produção, que é muito “produtivo” para o sistema de circulação de textos científicos em bases de dados pagas, europeias e norte-americanas. Lembro, aliás, que, para além do debate sobre as bases de periódicos que cobram para que se tenha acesso a elas, houve uma enorme resistência de pesquisadores europeus quanto à classificação desses periódicos, inclusive com a proposta de boicote, porque não estava claro com que critérios essa classificação era feita, e também porque havia pouquíssima participação da própria comunidade científica nessa classificação<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> O número é muito estimado, para dizer o mínimo. Penso, contudo, no *Corpus scriptorum latinorum* em <http://www.forumromanum.org/index2.html>

<sup>5</sup> Cf. por exemplo os artigos “La controverse en matière de publication des articles scientifiques” de Mathilde Chasseriaud, <https://www.echosciences-grenoble.fr/articles/la-controverse-en-matiere-de-publication-des-articles-scientifiques>, e “Des scientifiques se rebellent contre le monde de l’édition” de Tristan Vey, <http://www.lefigaro.fr/sciences/2012/02/21/01008-20120221ARTFIG00547-des-scientifiques-se-rebellent-contre-le-monde-de-l-edition.php>

Essa consequência principal produz outras. Lindsay Waters, em um livro publicado pela editora da Unesp intitulado *Os inimigos da esperança: publicar, perecer e o eclipse da erudição* (2006), aponta para duas delas. A primeira é uma sensação de fragmentação e o próprio desconforto com relação aos processos avaliativos. Trata-se da ideia de que o excesso de publicações faz com que o verdadeiramente relevante se perca: “Protesto em nome dos bons livros que se perdem na enxurrada dos livros ruins.” (WATERS, 2006, p.25)

A segunda, que me parece mais interessante, tem a ver com a assimetria entre produção e recepção. A citação é a seguinte:

O problema é a insistência na produtividade, sem a menor preocupação com a recepção do trabalho. Perdeu-se o equilíbrio entre estes dois elementos – a produção e a recepção. Precisamos restaurar a simetria entre eles. O problema está em fundamentar o acesso ao posto de professor como dependente da quantidade de publicações – publicações que poucos lêem. (WATERS, 2006, p.25)

Não discuto aqui o acesso às vagas de professores na universidade. Também não avanço na direção dos reiterados pedidos, por parte da Capes, para que venhamos a incluir artigos de revistas brasileiras nas bibliografias dos cursos da pós-graduação, de modo a fomentar a prática mais regular da leitura dessa produção e justificar o investimento que quase todos os programas de Letras fizeram em suas revistas, várias delas com dois números publicados por ano — o que significa, como se sabe, contactar colegas de outras universidades para pareceres que não são remunerados, remunerar tradutores, revisores, preparadores de texto, comprar servidores e plataformas de edição etc.

Detenho-me nessa percepção da assimetria que Lindsey Waters compara, noutro momento de seu livro, com o excesso de informação a que estariam sujeitas “valiosas formas norte-americanas de comunicação, como o serviço postal (malas-diretas), o sistema de telefonia (telemarketing) e o correio eletrônico (spam)”, abusos, segundo o autor, que nos deixam “relutantes em atender o telefone, abrir nosso e-mail ou examinar um novo livro” (2006: 20). Para nós, muito acostumados com o sistema proposto por Antonio Candido nos capítulos iniciais da *Formação da literatura brasileira*, entre autor/obra/público, essa constatação da perda do equilíbrio é sugestiva. Tanto mais sugestiva porque ela se dá, em campos como o nosso, no interior de uma “academia letrada” com pretensões universalistas, por assim dizer — difícil não lembrar das demandas de “internacionalização” de nossas pós-graduações —, e não visando a um público que estaria fora dela: o leitor

desprevenido de romances, por exemplo. Se pensarmos no sistema, e a imagem de Antonio Candido é a transmissão da tocha pelos corredores (CANDIDO, 1993, p.24) — imagem, aliás, da ordem da saúde esportiva, de uma premência da transmissão, mas também de dimensão prometeica: do Prometeu que roubou o fogo de Héstia para dar aos mortais — é como se chegássemos ao corredor seguinte do revezamento com um caminhão de tochas. As tendências ideológicas do projeto iluminista das academias letradas que Antonio Candido descreve — “divulgação apaixonada do saber, crença na melhoria da sociedade, confiança na ação governamental para promover a civilização e o bem-estar coletivo”, com o seu “pendor didático e ético” (CANDIDO, 1993, p.41) — parecem claramente se problematizar nesse processo. Não produzem apenas “pluralidade”, “multiplicidade”, “democracia”, para ficarmos com três noções. Mas excesso, dispêndio, categorias que tomo de empréstimo a Georges Bataille no ensaio *A noção de dispêndio*, e para as quais este oferece exemplos contundentes, embora vistos da perspectiva do “improdutivo”, do “prazer” e relacionados com a literatura. Seriam eles:

[...] o luxo, os enterros, as guerras, os cultos, as construções de monumentos suntuários, os jogos, os espetáculos, as artes, a atividade sexual perversa (isto é, desviada da finalidade genital) [...] atividades que, pelo menos nas condições primitivas, têm em si mesmas seu fim. (BATAILLE, 2013, p.10).

Tenho poucas respostas para essas dificuldades. Ainda que seja possível pensar, face a um ambiente cada vez mais liberal e competitivo, nas riquezas que Bataille observou no *potlach*, via Marcel Mauss e seu estudo sobre o dom: dispêndio ostentatório “com a finalidade de humilhar, de desafiar e de obrigar um rival” (BATAILLE, 2013, p.25). Sei que temos mais acesso à produção científica por meio da internet. Os filtros editoriais podem ter diminuído, agora que se publica com menos custo em edições digitais, em comparação com as impressas. Há uma democratização do acesso à produção que é positiva. E um crescimento do campo — a metáfora aqui é agrária: do campo que produz aquilo de que sobrevivemos —, o que talvez seja positivo.

Sigo, entretanto, a uma terceira consequência que me parece intimamente relacionada com a especificidade dos estudos literários. Há alguns dias participei de uma reunião sobre o Scival, que é uma ferramenta que permite visualizar, como está no site *scival.com*, “research performance”. A resposta que vem sendo dada à avaliação da Capes passa pelo implemento de ferramentas como essa, que permitem que possamos medir o impacto de cada publicação. A ideia é, assim, restabelecer, pelo menos no campo

avaliativo, a simetria e julgar a produção por sua recepção. Essa ideia da imediatez da circulação, como os *trending topics* do Twitter, nem precisa dizer, é problemática para as publicações na nossa área ou para outros em que o impacto não é imediato. O que ela revela, contudo, ou exacerba, é a perspectiva de que temos de produzir, sobretudo nas vias em que há mais transferência. Um artigo sobre Machado de Assis teria mais chances de circular do que outro sobre Junqueira Freire.

Por fim, uma última consequência — mas julgo que existam ainda outras —, supõe os próprios recortes de pesquisa. Desconfio que essa percepção do impacto já venha provocando uma concentração da pesquisa em algumas áreas. O que me parece mais relevante pensar, contudo, é que talvez como resposta ao crescimento e fragmentação do campo parece haver uma concentração do universo teórico de referência: Agamben, Butler, Lyotard, Bauman, Candido. É como se a coesão da área tivesse se transferido a um conjunto de referências que devemos necessariamente partilhar e, a partir das quais, muitos trabalhos passaram a se organizar. Não me parece fortuita a demanda metodológica cada vez maior, mais detalhada, para cada projeto de pesquisa submetido à avaliação nos programas de pós-graduação e agências de fomento. É como se dialogássemos mais aí do que com a fortuna crítica dos autores que estudamos, e bem mais do que diante das próprias obras literárias.

## REFERÊNCIAS

*Documento da área de Letras e Linguística da Capes*. Disponível em: <capes.gov.br/images/documentos/Documentos\_de\_area\_2017/41\_LETR\_do\_carea\_2016.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2019.

BALL, Stephen. Profissionalismo, gerencialismo e performatividade. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 35, n.126, Sept.-Dec., 2005. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742005000300002>>.

BATAILLE, Georges. *A Parte maldita, precedida de “A noção de dispêndio”*. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 2. vols. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 1993.

MOREIRA, Antônio Flávio. A cultura da performatividade e da avaliação da pós-graduação no Brasil. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v.25, n. 3, p. 23-42, dez. 2009.

WATERS, Lindsay. *Inimigos da esperança: publicar, perecer e o eclipse da erudição*. Trad. Luiz Henrique de Araújo Dutra. São Paulo: Editora da Unesp, 2006.

Data de recebimento: 18 fev. 2020

Data de aprovação: 10 jun. 2020